

PORTO ALEGRE, 1º DE MAIO DE 1881

# REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

Anno I

ASSIGNATURA

Num. 13

PARA A CAPITAL: Trimestre 2\$500—PARA FÓRA DA CAPITAL: ANNO 10\$000

## SIMPLICIO

(De Emilio Zola)

— CONCLUSÃO —

IV

Simplicio esteve muito occupado nos dias que se seguirão á sua installação. Fez conhecimento com os visinhos, o rasteiro escaravelho, e a voadora borboleta. Todos erão bons bichos, e tinham quasi tanto espirito como os homens.

A principio teve grande difficuldade em comprehender o que elles dizião, mas vio logo que devia primeiro que tudo tratar da sua educação. Conformou-se depressa á concisão do idioma dos insectos. Um som é sufficiente para que possam exprimir entre si cem objectos diversos, segundo a inflexão da voz e a duração da nota. Deste modo foi-se deshabituaudo de fallar o idioma dos homens, tão pobre na sua riqueza.

Encantou-o bastante vêr o modo por que vião os seus novos amigos, mas ficou sobremodo maravilhado de saber o juizo que fazião dos reis, visto que não os tinham absolutamente. Terminou por se vêr ignorante ao pé d'elles, e tomou a resolução de frequentar as escolas que elles tinham estabelecido.

Tornou-se mais discreto nas suas relações com o musgo, e o espinheiro. Como ainda não podia ouvir as palavras da hervinha e das flores, esta circumstancia espalhava muita frieza nas relações que com ellas tinha.

Para dizer tudo, a floresta não o viu mais com seus olhos. Compreendeu que elle era um simplorio d'espirito, e que viveria em boa harmonia com todos. Ninguem se escondeu mais

d'elle. Muitas vezes acontecia-lhe mesmo surpreender no fim de um atalho uma borboleta sugando o calix de uma margarida.

Logo depois o espinheiro, vencendo a timidez que lhe restava, arriscou-se a dar lições ao joven principe. Ensinou-lhe amorosamente a linguagem dos perfumes e das cores. Desde então todas as manhãs as corollas cor de purpura saudavão Simplicio ao despertar; a folha verde lhe contava os escandalos da noite, o grillo lhe confiava em voz muito baixinha que estava louco de amores pela violeta.

Simplicio tinha-se afeiçãoado mais estreitamente a uma libellinha dourada, de corpo delgado, e azas transparentes. A amada mostrava-se de uma garridice desesperadora: brincava, parecia chamal-o, e fugia depressa quando estava para ser apanhada. As arvores vetustas e experientes, que vião este ardil astucioso, a reprehendião severamente, e, com gravidade, dizião entre si que ella teria um mau fim.

V

Simplicio tornou-se subitamente inquieto.

La bê-e á bon Dieu, que foi a primeira a notar a tristeza do amigo, procurou mettel-o em confissão. Respondeu chorando que estava alegre como nos primeiros dias.

Levantava-se com a aurora para correr pela matta até á tarde. Afastava docemente os galhos, visitando todas as moutas. Levantava a folha, e olhava para a sombra que ella projectava.

— O que procurará o nosso discipulo? perguntava o espinheiro ao musgo.

A libellinha, admirada do abandono do seu amante, o julgou louco de amor. Debalde vinha ella sempre fazer fosquinhas ao redor d'elle. Não era mais notada. Bem tinham dito as arvores ex-

perientes: ella se consolou depressa com a primeira borboleta da encrusilhada.

A folhagem estava triste. Via o joven principe interrogar cada mouta de herba, sondar com o olhar os compridos atalhos; ouvião-n'ò queixar-se da espessura das brenhas, e dizião umas ás outras:

— Simplicio vio a Flor-das-aguas, a Ondina da fonte.

## VI

Flor-das-aguas nascera de um raio de sol e de uma gotta de orvalho. Era tão puramente bella, que o beijo de um amante devia fazel-a morrer; exhalava um perfume tão suave, que o beijo de seus labios devia matar um amante.

A floresta o sabia, e a floresta cuidadosa occultava a filha adorada. Tinha-lhe dado para asylo uma fonte sombreada com as ramas mais espessas. Alli, no silencio das sombras, Flor-das-aguas radiava por entre suas irmãs. Preguiçosa, entregava-se á corrente, com os pesinhos meio cobertos pela onda, e a cabeça loura coroada de limpidas perolas. Tinha um sorriso que fazia as delicias dos nenuphars e dos lirios roxos. Era a alma da floresta.

Vivia sem cuidados, só conhecendo da terra sua mãe, o orvalho, e do céu o raio seu pai. Sentia-se amada pela onda que a acalentava, pelo galho que lhe dava sombra. Tinha mil namorados e nenhum só amante.

Flor-das-aguas não ignorava que ella devia morrer de amor; sorria-lhe esta lembrança, e vivia esperando a morte. Bisonha, ella esperava o ente amado.

Uma noite, á luz das estrellas, Simplicio a tinha visto ao voltar de um atalho. Procurou-a durante um comprido mez, pensando encontral-a detraz de cada tronco de arvore. Julgava sempre vel-a deslisar na matta, corria, e só achava as grandessombras dos alamos agitadas pelas brisas celestes.

## VII

A floresta estava silenciosa, desconfiava de Simplicio. Fechava as ramas, lançava toda a escuridão possível nos caminhos por onde andava o joven principe. O perigo que ameaçava Flor-das-aguas a tornava pesarosa; não tinha mais caricias, nem mais amorosos colloquios.

A Ondina voltou á clareira, e Simplicio tornou a vel-a. Louco de desejo, precipitou-se a

perseguil-a. A creança, montada n'um raio da lua, não ouviu o ruido de seus passos. Voava, ligeira como a penna que o vento arrebatava.

Simplicio corria, corria a perseguil-a, sem poder alcançal-a. Despontavão-lhe lagrimas dos olhos, tinha o desespero na alma.

Corria, e a floresta seguia anciosa esta carreira insensata. Os arbustos fechavão-lhe o caminho. As sarças cercavão-n'ò com os braços cheios de espinhos, impedindo-lhe bruscamente a passagem. O bosque todo defendia a filha.

Corria, e sentia o musgo tornar-se escorregadio debaixo de seus pés. Os galhos das moutas fechavão-se mais estreitamente, e se apresentavão rijos como fios de arame. As folhas seccas amontoavão-se nos valles; os troncos das arvores cahidas se atravessavão nos atalhos; os rochedos deixavão se cahir diante do principe. O insecto mordida-o no calcanhar; a borboleta cegava-o, batendo-lhe com as azas nas palpebras.

Flor-das-aguas, sem vel-o, sem ouvir-o, fugia sempre sobre o raio da lua. Simplicio via com angustia approximar-se o instante em que ella ia desaparecer.

E, desesperado, arquejante, corria, corria sempre.

## VIII

Ouviu os decrepitos carvalhos que lhe gritavão colericos:

— Porque não nos disseste que eras um homem? Nos teriamos escondido de ti, te haveriamos recusado as nossas lições, e assim teus olhos cheios de trevas não terião podido ver Flor-das-aguas, a Ondina da fonte. Te apresentaste entre nós com a innocencia de qualquer bichinho, e hoje patenteias o espirito dos homens. Repara, tu esmagas os escaravelhos, nos arrancas as folhas, nos quebras os galhos. O vento do egoismo te arrebatava, nos queres arrancar a alma.

E o espinheiro accrescentou:

— Simplicio, pára, por piedade! Quando o menino caprichoso quer respirar o perfume dos meus bouquets estrellados, e que não os deixa abrir levemente no galho, colhe-os, mas não o gosa mais de uma hora.

E o musgo dizia por sua vez:

— Pára, Simplicio, vem sonhar recostado no veludo do meu fresco tapete. Ao longe, por entre as arvores, tu verás brincar Flor-das-aguas. A verás banhar-se na fonte, atirando ao pescoço collares de perolas humidas. Compartilharemos

omtigo a alegria do seu olhar: como a nós, te será permittido viver para vel-a.

E toda a floresta continuava :

— Pára, Simplicio, um beijo teu deve matá-a, ah! não a beijas, não. Por acaso não sabes? a brisa da tarde, nossa mensageira, não t'ò disse ainda? Flor-das-aguas é a flor celeste cujo perfume dá a morte. Coitadinha! tem um destino negro. Piedade para ella, Simplicio, não lhe sorras a alma pelos labios.

## IX

Flor-das-aguas voltou se e viu Simplicio. Sorriu, deixou que elle se approximasse, e disse a floresta :

— Eis o ente amado que chega.

Havia tres dias, tres horas, tres minutos que o principe a perseguia. As palavras dos carvalhos choavão ainda; teve vontade de fugir.

Flor-das-aguas lhe apertava já as mãos. Lanha-se na ponta dos pesinhos, e procurava ver projectar-se o seu sorriso nos olhos do mancebo.

— Tardaste muito, disse-lhe ella. Meu coração adivinhava-te na floresta. Montei em um raio da lua, e te procurei tres dias, tres horas e tres minutos.

Simplicio estava callado, contendo a respiração. Ella o fez sentar na orla da fonte; acariciava-o com o olhar; e elle, a contemplava em extase.

— Não me reconheces? perguntou-lhe ella. Te vi muitas vezes em sonho. Corria para ti, tomavas-me a mão, depois passeavamos, mudos e tremulos. Não me viste nunca? não te lembras dos teus sonhos?

E quando elle ia fallar, ella tapou-lhe a boca.

— Nada digas. Eu sou Flor-das-aguas, e tu és o ente que amo. Vamos morrer.

## X

As grandes arvores inclinavão-se para bem abairar o bello par. Choravão de dor. Nossa alma não voar; era o grito unanime.

Calarão-se todos de repente. O arbusto e o carvalho sentião-se tomados de uma piedade immensa; não havia um só grito de colera. Simplicio, o amado de Flor-das-aguas, era o filho da eterna floresta.

Flor-das-aguas tinha apoiado a cabeça no hombro de Simplicio. Inclinando-se sobre o mancebo, ambos sorrião. A's vezes, levantando a cabeça, seguião com o olhar a poeira de ouro

que tremia nos ultimos raios do sol. Estreitavão-se pouco a pouco. Esperavão a primeira estrella para se confundirem e desaparecer para sempre.

Nenhuma palayra lhes perturbava o extase. Suas almas, que lhes pendião dos labios, trocavão-se nos mutuos halitos.

O dia empallidecia. Os labios dos dous amantes cada vez mais se approximavão. Uma angustia terrivel conservava a floresta immovel e muda. Grandes rochedos, de onde emanava a fonte, cobrião com grandes sombras o par, que radiava ao despontar da noite.

E a estrella appareceu, os labios se unirão no supremo beijo, e os carvalhos exalarão um grande soluço. Os labios se unirão, as almas partirão.

## XI

Um homem de espirito perdeu-se na floresta. Tinha por companheiro um sabio.

O homem de espirito fazia profundas observações sobre a humidade insalubre dos bosques, e fallava dos bellos campos de luzerna que se poderia obter, cortando todas aquellas grandes e feias arvores.

O sabio sonhava celebrar o seu nome nas sciencias descobrindo alguma planta ainda desconhecida. Catava todos os cantos, e só descobria ortiga e gramma.

Chegarão á orla da fonte, e ahi descobrirão o cadaver de Simplicio. O principe sorria no somno da morte. Os pés entregavão-se á corrente, a cabeça descançava na relva da margem. Comprimia, de encontro aos labios, para sempre fechados, uma florzinha branca e cor de rosa, de uma delicadeza rara, e de um perfume penetrante.

— T'obre louco! disse o homem de espirito, talvez quizesse colher um bouquet e se affogou.

O sabio pouco se importava com o cadaver. Tinha-se apoderado da flor, e sob pretexto de estudal-a, desfolhava-a. Depois de a ter despedaçado, exclamou :

— Que precioso achado! Eu quero, em commemoração deste idiota, denominar esta flor — Antapheleia limnaia.

Ah! Ninette, Ninette, o meu ideal Flor-das-aguas, a barbara se chama — Antapheleia limnaia!

J. V. S. CABRAL.

## CALMARIA NO MAR



„Meeresstille“ — de Goethe

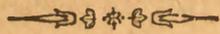
Intima paz vai nas aguas,  
Immovel descança o mar,  
E só vê o afflicto nauta  
Liso plano o rodear.  
Nem uma só viração!  
Horriavel, mortal bonança!  
Na desmedida extensão  
Nem uma onda se balança.

A. C.

Porto Alegre — 1881.



## A NOIVA



O lar é um templo  
O coração de uma mãe de familia é um altar.  
O altar sublima-se tanto mais quanto maior é  
o numero de adoradores que ante elle se prostra :  
— os filhos.

Elles vem do mesmo ponto : o amor; dirige-os  
a mesma estrella : — a fé; anima-os a mesma  
crença : — Deus.

A mulher mãe é uma religião.

Si Deus é um axioma da humanidade, mãe é  
uma divindade no lar.

O beijo de uma mãe é uma esperança; a fronte  
que o recebe é uma promessa : cumpril-a é um  
dever.

Ella nasce tão pura como a rosa.

Creança, teve todos os defeitos e caprichos  
dessa estação descuidosa : foi travessa, má, cu-  
riosa e interessante.

Era o enlevo na familia, o desespero dos  
vizinhos e das visitas, mas no fundo agradava a  
todos.

A transição na flor e o perfume na mulher; —  
o amor, porque o amor é um perfume, mas tão  
suave que só o exhalão certos temperamentos,  
que só o supportão certas organizações.

Moça, ella era bonita; era boa, porque era  
religiosa

Amou porque sua missão era a maternidade  
e para ser mãe é preciso amar.

Acrisou-se nesse amor e fez de uma illusão  
uma esperança.

O casamento na sociedade é um contracto, na  
familia é um sacerdocio.

A benção do padre é uma sanccão; o beijo de  
uma mãe é um estimulo.

Era um dia de noivado : ella tinha na fronte  
essa irradiação divina que se chama innocencia;  
nas faces, esse rubor casto que se chama — o pejo.

Brilhava-lhe nas palpebras uma gota de puro  
orvalho; não era uma lagrima de dor; era um  
adeus que a virgem dizia a seu passado; não era  
uma previsão, era uma saudade.

Ella caminhava para o noivo como Christo  
para a cruz : era o seu supplicio, mas era a sua  
gloria : descia para subir; morria para viver.

Vio o annel da alliança, sorriu-se; era a cadêa  
que a ligaria ao lar; seria a escada por onde  
u biria ao céu.

A mãe ahi estava; surpreendeu esse sorriso e  
approximou-se

Em estreito amplexo unio ao seio a filha de  
seu amor, o pedaço de sua alma.

O sangue de seu sangue a carne de sua carne:  
sua mocidade e suas illusões.

Nesse momento solemne o lar foi mais que  
um templo : era um mundo.

A mãe deixou de ser mãe para ser Deus : a  
filha era a humanidade.

Os labios maternos unirão-se em um beijo  
que desabrochou na fronte filial.

O beijo de uma mãe é uma esperança; a fronte  
que o recebe é uma promessa : cumpril-a é um  
dever.

\*\*\*



## BELISA



I

Quando lembro-me della,  
Gracil, mimosa, etherea, peregrina,  
Duvido ainda que a ferisse a morte;  
Porque nunca figura mais divina,  
Apparição mais bella,  
Rindo, assomara ao limiar da sorte.

Dir-se-hia na verdade,  
Que o vulto feiticeiro  
Daquelle ser diaphano e fagueiro  
Era o symbolo vivo e palpitante  
Da propria idéa de immortalidade...

A encarnação brilhante  
Do mais limpido raio do infinito,  
Vasado porventura  
N'um molde eterno de sonhado mytho,  
Representando a imagem da ventura.

Dir-se-hia que a alma nitida, acendrada  
No primoroso involucro sensível,  
Era-lhe perceptível  
Na argilla immaculada,  
Ressumbrando-lhe tepida, maviosa,  
Da candida frescura  
E sylphidez da imagem vaporosa;  
Como da extrema alvura  
De finissimo jaspe  
O sidereo vislumbre inextinguível  
De alampada sagrada.

Dir-se-hia até—que perfumadas pennas  
O cherubim radioso,  
Que o destino velava-lhe extremo,  
Das proprias azas desfolhava amenas  
Para tornar-lhe aos pés avelludada  
A encantadora senda,  
Onde ia pelo mundo.  
Sempre querida, alegre e festejada,  
Como a heroína de formosa lenda.

Dir-se-hia, finalmente,  
Pelo tocante brilho da vir ude  
Em que resplandecia;  
Pela expressão da luz fascinadora,  
Que tão distinctamente  
—Quando a effusão dos intimos effluvios  
Como que a revestia —  
Acentuava-lhe a feição celeste,  
Dando-lhe um não sei que de redemptora;  
Dir-se-hia o coroavel mensageiro,  
O nuncio prazenteiro,  
Que—almo archanjo da fé—tinha baixado,  
Em secreta missão da Providencia,  
Para atear nas almas doentias  
O lume desmaiado  
Das moribundas crenças;  
E ir estacando a fonte de agonias,  
Que em lagrimas acerbadas flue perenne,  
E mais e mais profunda,  
Neste misero valle da existencia!...  
Para tornal-o um novo paraíso,  
Semeando-lhe prospera, fecunda,  
A semente divina do sorriso,  
Que era-lhe o pollen de sagrada rosa

Nos labios vicejantes  
De indisível doçura e de clemencia.

Não entanto — que martyrio!  
Ao venturoso enleio,  
Ao magico delirio  
Dessa esperanza que lhe enchia o seio,  
Empolga-a de repente  
Sinistra garra da fatalidade,  
E eil-a — visão dormente!  
Eil-a por terra — pallida reliquia,  
Gelido esposo da mulher exhausta  
No sacrificio da maternidade!

Como um collar de perolas sonoras,  
Desfiou-se-lhe a vida,  
— A mais ridente collecção de auroras  
Que tem deixado a terra embevecida.

## II

Meu Deus, esta existencia é uma ironia  
Com seductoras azas de chimera!  
Ai de Elisa, coitada!  
Lepida assim, tão conscia da alegria;  
Tão longe ainda do cruel açoite  
Dos frios desenganos;  
Quando mais rescendia a primavera  
Dos seus doirados annos;  
Ao fatidico sopro de uma noite,  
Cahira desfolhada,  
E como rorejada  
Do humido olhar de todas as estrellas,  
Que forão-lhe constantes,  
Allumiando as trevas da desgraça,  
Assistindo-lhe as pennas cruciantes,  
E amortecendo o lume  
Quando exhalou-se-lhe o ultimo perfume.

Nunca pesara tanto uma vigilia!  
Nunca, nunca, aos revezes deste mundo,  
O coração magoara-se tão fundo  
No estremecido seio da familia!

## III

Tambem — pela formosa  
E lisongeira estrada da ventura  
Se vai ter ao Calvario!  
Elisa nunca soube outro caminho,  
Nunca passou na rua da amargura,  
Na via-dolorosa...  
E o fresco, o puro, o avelludado ninho,

Onde em não sei que petalas de rosa  
 As benções lhe chovião  
 E da ventura os mimos a zelavão,  
 Tornou-se-lhe esse equivo extraordinario,  
 Onde, aos enormes traços que a ferião,  
 Tantas lagrimas nossas despenhavão,  
 Que uma nodoa de sangue não restou-lhe  
 Na alvura do sudario !

Era-lhe a vida um unico sorriso  
 Perpassando na terra...  
 E inda nos deixa attonito o juizo,  
 Ainda nos altera  
 O epilogo fatal da sua historia,  
 —Funerea scena de uma angustia infinda !  
 Esmaga-nos ainda,  
 Impresso na memoria !

Pode-se até dizer que neste mundo  
 Só havia chorado pelos outros,  
 Só conhecia flores  
 E quando a Morte veio,  
 Descarregou-lhe golpe tão profundo,  
 Ferio-a tão zangada,  
 Que, lacerando-lhe o materno seio,  
 Deixara-lhe a primicia dos amores  
 Tambem dilacerada !

E assim — tombara em meio do destino !  
 E assim — no grato meio dessa aurora,  
 Sobreveio-lhe a noite mais escura,  
 E Elisa foi-se embora,  
 Como quem verga ao peso de um fadario !  
 E assim — pela macia  
 E lisongeira estrada da ventura  
 Se vai ter ao Calvario !  
 —Meu Deus, esta existencia é uã ironia !

## IV

Nada valera a victimação pura,  
 — Mimosa creatura,  
 Que alva nuvem de sonhos embalava  
 Em descuido tão doce !...  
 Brando genio de amor, que esvoaçava,  
 Com as leves azas a fazer carinhos  
 E a despertar uns sons alviçareiros  
 Por onde quer que fosse,  
 Como propicia, milagrosa fada !

Que miserrimo fim ! que mão pesada  
 Coroou-lhe de espinhos  
 A fronte abençoada,

Que, ja pelos instantes derradeiros,  
 Entre as sombras da morte ja pendida,  
 Se nos mostrava aos olhos ineffavel,  
 Branca, serena, mystica, adoravel,  
 Celestemente unguida,  
 E como a reflectir no tom mais puro  
 Da aureola mais santa  
 Os primeiros albôres da outra vida,  
 Que lhe raiava em meio desse escuro.

Não sei se me ouves, anjo ! mas Deus sabe  
 Que outro mortal não cabe  
 No vacuo precioso,  
 Que deixaste entre nós embalsamado  
 Da fragancia ideal do teu reinado,  
 Tão curto, e tão glorioso  
 De inimitaveis graças e de encantos !

Deus tambem sabe, irmã desventurada,  
 Que nunca um mar de prantos  
 Fizera-se tão largo,  
 E triste, e fundo, e impetuoso, e amargo !  
 Que nunca a perspectiva de um rochedo  
 Lançara tanta sombra  
 Nesse revolto abysmo da saudade,  
 Onde enche-nos de medo  
 A tua campa—erguida  
 Para naufragio da felicidade,  
 Que vai-nos neste instante  
 Sobre o dorso da vaga desabrida,  
 Como perdido lenho fluctuante  
 A arcar com a tempestade !

.....  
 Elisa, ai dessa morte !...  
 Que deploravel, que inaudita sorte !...  
 Quanta verdade, quanta, — desmentida !  
 .....  
 Mas ai tambem da vida que vivemos  
 Desde que te não vemos !...  
 Sim, — que esbulhada vida !

C. REBELLO JUNIOR.

## O ANJO E O HOMEM



O primeiro raio da primeira aurora brilha  
 sobre os confins do Eden.

O ar puro e transparente condensa-se em  
 grandes e corpulentos vegetaes, de cujas folhas

aureoladas de luz rompem nuvens de dourados insectos, semelhantes a pequenas faiscas despedidas pela seiva que palpita no seio da immaculada natureza, com o mesmo ardor com que palpita o sangue em um coração apaixonado e joven.

A flor desabrocha docemente agitada pela primeira electricidade da vida, e em sua corolla e em seu calix celebra seus castos amores, inunda de prazer, com o raio de sol, que ao coar-se por entre suas petalas, recebe aromas deliciosos e lhe dá em troca todos os matizes de brilhantes e variegadas flores.

Neste formoso instante do mundo, o ar suspirando com o alento da natureza e envolvendo todos os seres; a luz refrangendo seus raios nas cataratas e suspendendo-se tremula sobre a tranquilla superficie dos lagos; a electricidade queimando as sementes que cahem sobre a terra branda e porosa para que ao seu calor brotem novas arvores; a flor, presentimento sublime da idéa, transformando a vida das plantas, recolhendo com amor um raio de sol para vestir-se de cores, outro para dulcificar e transformar seus succos, devorando com sede anhelante as primeiras gotas de rocio, depositadas em seu calix pela primeira manhã do mundo, sugando a substancia da terra para espalhar-a por todas as suas veias, e envia-la depois aos céos convertida em aroma e essencias; os differentes animaes levando-se contentes no ar perfumado pelas plantas e acendendo novos gazes, novos elementos de vida na combustão continua de seu sangue; as aguas levantando como nuvem de incenso seus primeiros prateados vapores ás alturas e cahindo em chuva miuda sobre os bosques virgens; uns seres sahindo do seio de outros seres como uma cadeia de organizações formosissimas que se enlação em harmonia sem fim; tudo quanto se move e agita, ar, luz, electricidade, flores, aromas, seiva, animaes celebrão a primeira festividade da vida e o primeiro mysterio de amor:

O Eden é como o prologo da futura vida.

Cercão-n'ó grandes montanhas, em cujas cumiadas a neve decompõe a luz em violeta e rosa; pequenas, verdes plantas se estendem por seus valles, que ostentão anemonas, açucenas inundadas de rocio; os bosques entoão um hymno produzido pelo ar, cujo sopro agita as folhas e ramos da palmeira, que eleva sua coroa no infinito, dos cedros eternos, dos platanos opprimidos pela hera amorosa; torrentes crystalinas se despenhão por entre suas rochas, e vem formar um lago

ligeiramente encrespado, o qual, ao repousar, recebe os raios do sol, e reflectindo-os, semelha um mar de estrellas em perpetuo movimento; os insectos adejão sobre as flores recolhendo seus atomos em suas azas aereas; os reptis enroscão-se ás arvores, cingindo-as como anneis de brilhantes cores; os grandes quadrupedes saltão innocentemente pela immensidade, brincando com todas as cousas que encontrão em sua passagem; as aves, pairando em circulo sobre o Eden, elevão aos ares em gorgeio continuo o concerto immenso da terra; e todos os seres, os luminosos em seu esplendor, os inertes em sua resistencia, os organisados em sua harmonia, os activos em seu movimento, mostrão que estão na primeira florescia da vida e que guardão o echo do verbo, da palavra creadora, em seu tranquillo seio.

A natureza reflecte, neste momento divino, com todo o seu esplendor, a idéa mãe, a idéa archetypa, que na mente de Deus é seu eterno modelo.

A imagem assemelha-se ao seu celeste original como o fogo ao ferro candente.

As cousas enlação se em doce harmonia e convertem-se em sublime unidade, porque toda a discordancia é impossivel, quando o mundo repousa tranquillo no regaço amoroso de Deus, como o infante no collo de sua mãe.

A luz que banha o Eden, é o reflexo da luz divina; a vida que corre por seus campos, é uma gota do celeste licor que Deus deixou cair do seu throno de soes sobre o informe cahos.

O ideal divino que precedeu a criação, está encerrado em todas as cousas, desde a humilde folha de herva que se occulta no fundo do valle, até á flor que abre sua perfumada corolla na copa dos arvoredos, como aspirando á existencia infinita dos céos.

A natureza, neste instante em sua poetica indeterminação, assume todas as formas, enverga todas as vestiduras, mantos prateados que vão passando sobre o seu seio palpitante, e que deixão entrever até a essencia mysteriosa da vida.

Os seres rejubilão-se na luz, banhão-se na vida universal; e todos tendem a tomar azas para voarem aos céos.

A natureza levanta-se em uma aspiração continua, incessante, desde a raiz informe do ser até ás organizações mais perfectas, como se aspirasse a buscar um interprete do pensamento que tem occulto e inconscientemente em seu seio, um sacerdote que dirija a oração que se desprende de

seus echos, de seus concertos, de seus prateados vapores; um laço mysterioso que a una a Deus, presentindo no sonho informe de sua existencia que a vida e o segredo da vida estão no espirito.

EMILIO CASTELLAR.

## ANGELA

Quando Angela nasceu, no valle umbroso  
Onde a casa paterna se escudia,  
O rio murmurou mais sonoro;  
As aves concertarão na harmonia;  
Houve canções do vento na palmeira;  
A veiga de perfumes rescendeu;  
Teve um sorriso a natureza inteira,  
Quando Angela nasceu.

Quando Angela viveu, em torno della,  
O mundo em paraizo transformou-se.  
Ao passar-lhe por frente da janella,  
Enternecia o vento a voz tão doce!  
Foi mais rutilo o sol e mais fecundo;  
Mais amorosa a lua enlangueceu...  
Como que Deus esteve só no mundo,  
Quando Angela viveu.

Quando Angela morreu, quando ao degredo  
Resgatou-se, dos anjos a irmã presa,  
Os ventos soluçarão no arvoredado,  
Os sabiás gemerão na deveza;  
O rio teve lagrimas de espuma;  
A luz vivida o sol adormeceu,  
E amortalhou-se o valle em densa bruma,  
Quando Angela morreu.

L. DE MENDONÇA.

## O AVARENTO

Os avarentos todos se parecem como uma gota a outra gota de agua.

São identicamente iguaes no afan de entesourar e no amor que, sem o saber, professão aos seus herdeiros, pois se privão do mais necessario para lhes deixar uma fortuna que depois de morrerem é desbaratada com toda a alegria.

O avarento é pequeno em tudo; começa pelo infimo real, e á força de privações e de amarguras, chega a amontoar milhões.

Jamais se dirá bastante destes desgraçados monomaniacos da economia, que atravessão o Calvario da vida despresados e aborrecidos mesmo pelas suas proprias familias.

O avarento vive sem nunca conhecer o prazer mais grato da humanidade: fazer bem.

Para elle o amor purissimo da gratidão não existe.

E' uma planta inodora que cresce rachitica e desmedrada em um areal, sem nunca receber a benefica gota do orvalho que refresca as folhas, nem a fecunda humidade da chuva que alimenta as raizes.

Não ha na terra um ente mais digno de do.

O ouro é a sua paixão, e o ouro causa lhe angustias incriveis, possui riquezas immensas, e o mendigo mais miseravel vive melhor do que elle.

Tem filhos que desejão a sua morte e familia a quem é pesada a prolongação dos seus dias.

Caminha pelo mundo sem conhecer nenhuma das meigas affeições da alma e sem ter um amigo que lhe estenda a mão nos momentos de amargura.

As suas noites são cheias de sobresalto e angustiosas, como as dos criminosos quando são acommettidos pelo grito do remorso.

Um gato que salta da cadeira onde estava aninhado, a avesinha que bate as azas dentro da sua jaula, o gemido do vento ao entrar pelos intersticios da janella, tudo é para o avaro um sobresalto continuo que o obriga a abandonar o leito e a percorrer toda a casa armada de um espadim, em procura do imaginario inimigo do seu dinheiro.

Ninguém se compadece das desgraças do avarento, e quando se extingue o ultimo sopro da sua vida, uma exclamação de goso é a oração funebre que todos lhe dedicão.

Os seus herdeiros, em lugar de se occuparem em encommendar a sua alma a Deus, occupão-se unicamente em procurar a alma material do avarento, isto é, o seu thesouro

E ao encontral-o nem siquer uma lagrima derramão á memoria daquelle que os deixa ricos e poderosos.

\*\*\*